

## EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM VOZES NA EDUCAÇÃO E NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE EDUCAÇÃO POPULAR

*UNIVERSITY EXTENSION WITH VOICES AT SCHOOL: THE EXPERIENCE OF A PARTICIPATORY POPULAR  
EDUCATION COURSE*

**Rosana Passos Cambraia** - Professora do Departamento de Farmácia, FCBS, e dos Programas de Pós-Graduação Stricto sensu Interdisciplinar em Saúde, Sociedade e Ambiente e Interdisciplinar em Estudos Rurais, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Doutora em Psicobiologia, Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência: Gabinete 110, Departamento de Farmácia, FCBS/UFVJM, Campus JK, Alto da Jacuba, Diamantina, 39100-000, Minas Gerais. E-mail: rosa.cambraia@ufvjm.edu.br

**Roberta Brangioni Fontes** - Doutoranda em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros. Bolsista CAPES – Mestre em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa – Graduada em Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: betabrangioni@yahoo.com.br

**Yan Victor Leal da Silva** - Doutorando em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros. Bolsista FAPEMIG – Mestre em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa – Graduado em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Minas Gerais. E-mail: yanvicctor@gmail.com

**Nilza da Conceição Aguiar** - Mestranda em Estudos Rurais, Faculdade Interdisciplinar de Humanidades. Bolsista UFVJM. Graduada em Turismo, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: nilza.aguiar@ufvjm.edu.br

**Marivaldo Aparecido de Carvalho** - Professor do Departamento de Ciências Básicas, FCBS, e dos Programas de Pós-Graduação Stricto sensu Interdisciplinar em Saúde, Sociedade e Ambiente e Interdisciplinar em Estudos Rurais, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Doutor em Sociologia, Universidade Estadual Paulista. E-mail: marivaldo.aparecido@ufvjm.edu.br

### RESUMO

Este artigo tem como objetivos apresentar e discutir a experiência de um curso de extensão em educação popular e metodologias participativas, destacando suas contribuições para uma educação libertadora e contextualizada à realidade de alguns distritos em Minas Gerais, Brasil. A ação extensionista aconteceu no município mineiro do Serro, direcionada aos educadores da rede pública estadual nos distritos de São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde, localidades marcadas pelo contexto rural e tradicional quilombola. O curso de 20 horas contemplou os princípios da educação popular, metodologias participativas, interação com mestres dos saberes locais e trocas de experiências entre os educadores. Em um momento em que a educação hegemônica caminha no sentido da homogeneização e virtualização, num contexto político de ataque ao pensamento crítico, e desmonte de políticas para a educação do campo, o curso deu ênfase às práticas pedagógicas que enfatizam a dialogicidade, o pensamento crítico, os afetos, a valorização do contexto local e da diversidade cultural, a integração entre a teoria e prática. Segundo os próprios participantes, o curso possibilitou o aprofundamento das ações em educação popular, gerou a discussão coletiva voltada a proposição de ações resolutivas para os problemas pedagógicos, sociais e ambientais que permeiam o contexto educacional local. Essa experiência suscita a reflexão sobre a importância da extensão universitária junto ao ensino básico, exercendo a função social da universidade de dialogar, trocar saberes com as comunidades e fomentar ações que potencializam a transformação da realidade ainda desafiadora das escolas públicas.

**Palavras-chaves:** Educação popular. Ensino básico. Escola. Extensão.

## ABSTRACT

This article aims to present and discuss the experience of an extension course in popular education and participatory methodologies, highlighting their contributions to a liberating and a contextualized education to the reality of some districts in Minas Gerais, Brazil. The extensionist action took place in the municipality of Serro, and it was directed to the public schools educators from the districts of São Gonçalo do Rio das Pedras and Milho Verde, which are identified by the rural and traditional quilombola context. The 20-hour course included the principles of popular education, participatory methodologies, interaction with local knowledge masters and the exchange of experiences between educators. It emphasized pedagogical practices that focus on the dialogue, critical thinking, affections, the integration between theory and practice, valuing the local context and cultural diversity, although the hegemonic education moves towards homogenization and virtualization, in a political context of attacks on critical thinking and dismantling of rural education policies. According to the participants themselves, the course enabled them to deepen the actions in popular education, it brought up a collective discussion, aimed at proposing resolute actions for the pedagogical, social and environmental problems that permeate the local educational context. This experience gives rise to the reflection on the importance of university extension along with basic education, exercising the university's social function of dialoguing, exchanging knowledge with communities and promoting actions that enhance the transformation of the still challenging reality of public schools.

**Keywords:** Popular education. Basic education. School. Extension.

## INTRODUÇÃO

O curso de extensão sobre educação popular e metodologias participativas surgiu a partir do convívio dos professores e estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com a realidade da educação da rede pública estadual do município do Serro, Minas Gerais (MG), na qual parte dos educadores ainda tem limitado acesso à formação continuada e diversificada para lidar com os inúmeros desafios pedagógicos, didáticos, sociais e psicológicos que encontram nos contextos escolares.

As escolas dos distritos do Serro, apesar de não serem formalmente consideradas escolas do campo, vivenciam uma realidade educacional ainda mais diversa, atendendo comunidades rurais e quilombolas. O Serro é um município que apresenta parte da sua população no meio rural: do total de 20.835 habitantes do município, 12.895 vivem em situação domiciliar urbana, enquanto 7.940 em situação domiciliar rural (IBGE, 2010). Cabe ainda destacar que o município conta com seis comunidades quilombolas, reconhecidas pela Fundação Palmares: Ausente, Baú, Capivari, Queimadas, Santa Cruz e Vila Nova (BRASIL, 2021).

Apesar dos esforços de alguns profissionais da educação em atuar de forma diferenciada, a educação formal pública no município ainda é majoritariamente centrada nos conteúdos e na figura do educador como aquele que transmite conhecimentos, cujos recursos didáticos ainda são somente o quadro e o giz. Ou seja, segundo Freire (2011), persiste o modelo de uma educação bancária, que pouco estimula a participação, o “aprender a dizer sua palavra”, o pensamento crítico e a transformação da realidade. Cabe observar que o uso de “quadro e giz” não indica necessariamente uma educação bancária, mas, sim, a condição do trabalho docente e de seus desafios. Pois muitas vezes o acesso e uso de instrumentos tecnológicos para o processo ensino-aprendizagem não superam a relação verticalizada e conteudista entre educadores e educandos.

Ao mesmo tempo, é notável que existam educadores com potencial e desejo de “Ser Mais”, que, todavia, encontram-se em geral sobrecarregados e limitados pelas estruturas estatais burocráticas e engessadas oriundas dos centros de poder, pautando uma educação segundo modelos empresariais, competitivos, padronizados e conteudistas.

Nesse sentido, o curso sobre educação popular e metodologias participativas teve como meta a geração de reflexões sobre o saber-fazer da educação atual e o compartilhamento de ferramentas metodológicas inspiradas na educação popular. Visou possibilitar aos educadores a transformação de suas vivências nos espaços formais e não-formais de educação, rumo a uma experiência mais participativa, libertadora, dinâmica, contextualizada e feliz para educadores e educandos.

No intuito de alcançar essa meta, os objetivos do curso desdobraram-se em: problematizar, junto aos educadores, os limites do modelo de educação hegemônico e compartilhar experiências educativas transformadoras; apresentar algumas metodologias e estratégias participativas, possibilitando aos educadores experimentá-las ao longo do curso; proporcionar materiais de estudo e aprofundamento por meio de uma apostila impressa e materiais digitais compartilhados; e formar uma articulação permanente de educadores em prol de uma educação popular transformadora local.

Apesar de ter sido a realidade das escolas da educação pública estadual a principal motivação para esta ação extensionista, o curso foi também aberto aos educadores da rede pública municipal, bem como a outros grupos que atuam na esfera da educação não-formal, como aquelas desenvolvidas em associações e movimentos sociais.

A metodologia utilizada apresentou um caráter teórico e vivencial. Foram abordados os princípios básicos da educação popular, percorrendo principalmente elementos fundamentais da obra de Paulo Freire, mesclando à sua perspectiva e metodologia, algumas práticas oriundas de outras matrizes educacionais que possuem afinidade com a proposta dialógica freiriana.

De acordo com depoimentos dos educadores participantes, o curso representou uma possibilidade de aprofundamento nos princípios da educação popular, de se inspirarem, se apoiarem, discutirem e proporem, coletivamente, ações para os problemas pedagógicos, sociais e ambientais que atravessam o contexto educacional da comunidade. Além disso, apropriaram-se de novas metodologias que, muito possivelmente, serão utilizadas em seus espaços de trabalho.

Essa ação de extensão revelou-se, também, como uma possibilidade para a universidade socializar estudos e pesquisas, além de outras experiências de ensino e extensão, integrando saberes com os educadores da região, escutando suas necessidades e proporcionando ferramentas para auxiliá-los a partir da compreensão de sua própria realidade. Ambos, universidade e comunidade, ensinando e aprendendo.

## DESENVOLVIMENTO

O curso foi realizado na sede da Associação Comunitária Sempre Viva, no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras (Serro, Minas Gerais, Brasil), envolvendo vinte e sete educadores de comunidades do município, em um período de dois finais de semana de fevereiro e março de 2020.

Foi inspirado em princípios e metodologias da educação popular (FREIRE, 2002, 2011), e, portanto, desenvolveu-se numa abordagem participativa, de base teórico-vivencial, que teve o intuito de sensibilizar e transformar os educadores envolvidos, com base na experiência. Ao longo do curso, foram vivenciadas as metodologias que se desejava abordar como conteúdo programático, a fim de que os cursistas as experimentassem e se sentissem seguros para realizá-las

nas escolas ou mesmo em outros espaços de educação não-formal, quais sejam: a) círculo de cultura; b) instalações artístico-pedagógicas; c) café do mundo; d) teatro do oprimido; e) camponês a camponês.

Foi relatado um breve histórico de cada metodologia, seus princípios pedagógicos e o passo-a-passo para a sua realização. Também, foram utilizados vídeos e textos curtos, reportagens e dinâmicas grupais como recursos didáticos. Além de outras referências de leitura, filmes e documentários compartilhados como material para futuras pesquisas e estudos dos educadores.

Neste trabalho, não cabe detalhar uma a uma as metodologias trabalhadas (que podem ser aprofundadas nas referências citadas neste relato de experiência), portanto, abordaremos cada uma sinteticamente para mostrar em que consistem e quais seus princípios, relacionando-as com a proposta política e pedagógica da educação popular.

## 1. CÍRCULO DE CULTURA

O círculo de cultura é a base do método Paulo Freire e expressa os princípios fundamentais da educação popular. Segundo Brandão (2010), o círculo é a marca dos movimentos de educação e cultura popular vivenciados no Brasil e na América Latina a partir da década de 1960, quando surgiram várias frentes e experiências assumindo as mais diversas formas, que tinham em comum o desejo de superar modelos hierarquizados e democratizar a palavra, a ação e a gestão coletivizada e consensual do poder.

O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que ensina quem não-sabe e aprende, aparece como monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõem a construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. Era ponto de partida a ideia de que apenas uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas, seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos, conscientes e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si mesmo como uma pessoa entre as outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social. (BRANDÃO, 2010, p. 69)

Uma forma de realizar o círculo de cultura é convidar as pessoas a se sentarem em círculo e dialogarem sobre um tema proposto. Cada pessoa pode escrever em uma tarjeta a primeira palavra que vem à cabeça ao ouvir o tema, e escrever também seu nome em letras menores em um canto do papel. As tarjetas são reunidas, colocadas ao centro e então, uma a uma, as pessoas explicam porque mencionaram sua palavra. O professor/mediador vai fazendo as ligações entre as palavras, buscando a sistematização do pensamento.

Apesar de parecer uma prática muito simples, o círculo de cultura é baseado em princípios profundos, como destaca Brandão (2010), inspirado no pensamento freiriano: a) cada pessoa é uma fonte original e única de um saber, que possui um valor em si; b) assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar, logo os componentes de cada cultura devem ser o fundamento de qualquer programa de formação ou transformação social; c) ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, as pessoas educam-se umas às outras e mutuamente por meio de um diálogo mediatizado por mundos de vivências e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais, d) alfabetizar-se, educar-se, significa algo mais do que apenas ler palavras, significa aprender a ler criativa e criticamente o “seu próprio mundo”, tomar consciência de si, do outro e do mundo, a partir de um processo dialógico.

Ao vivenciar o círculo de cultura, foi possível a experimentação e discussão de vários desses princípios da educação popular, como a dialogicidade, o papel do professor como mediador, a autonomia, o pensamento crítico. Elementos que podem ressignificar práticas tradicionais dentro da sala de aula e potencializar os diversos momentos de formação na comunidade.

## 2. INSTALAÇÃO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA

Já a instalação artístico-pedagógica, outra metodologia apresentada, também advém dos movimentos de educação popular, mais especificamente dos programas de formação dos trabalhadores e suas escolas sindicais, nos anos 1980 e 1990. Essa prática vem sendo muito utilizada e aprimorada pelo movimento agroecológico na zona da mata de Minas Gerais (BIAZOTI; ALMEIDA; TAVARES, 2017).

Começa a partir de um tema específico, sobre o qual os envolvidos irão pesquisar e reunir elementos concretos relacionados a ele, que podem ser objetos, livros, frases, desenhos, material da natureza etc. Também podem compor a instalação, poemas, trilha sonora, instrumentos musicais, pequenas representações teatrais e outras intervenções que instiguem e provoquem a reflexão dos participantes. Se a instalação for acontecer em excursões, intercâmbios, visitas e caravanas, o facilitador estimula para que objetos e demais registros sejam coletados e reunidos ao longo da trajetória. Os grupos podem conversar, previamente, a fim de refletir sobre que tipo de elementos escolherão para a representação do tema e o porquê da escolha.

Depois, as pessoas dispõem os elementos reunidos buscando expressar conexões entre eles, de forma estética e simbólica. Montada a instalação, o grupo recebe visitantes, os quais são incentivados a olhar, tocar e se relacionar com os objetos, sem interferência ou explicação dos proponentes da instalação. Após a visita, em um círculo de cultura, as pessoas partilham suas emoções, questões e destaques. Os mediadores instigam o diálogo e, ao final, os proponentes podem buscar sintetizar as impressões dos visitantes e manifestar alguma intenção com os elementos expostos que, porventura, podem não ter sido reconhecidas pelos visitantes, mas que são importantes para apreensão geral do tema.

## 3. CAFÉ COM PROSA

Outra metodologia trabalhada, a qual não foi propriamente desenvolvida dentro do movimento de educação popular, mas que se relaciona com o princípio da dialogicidade, chamada “café com prosa” (mais conhecida como “café do mundo”), foi gestada na proposta de educação para a sustentabilidade do programa de educação Gaia ou “Gaia education”.

Desenvolvido por Brown e Isaacs (2007), realiza-se pela promoção de conversações em grupos, em um espaço organizado de forma a reproduzir o ambiente de um café, em que as pessoas conversam em torno de uma questão central. Visa facilitar diálogos coletivos criando um ambiente agradável, que potencialize a inteligência coletiva do grupo.

São montados grupos que se sentam em torno de mesas ou em círculos com uma grande folha de papel e material para escrever e/ou desenhar. Em cima das mesas, os facilitadores deixam servidos café e biscoitos para criação de um clima informal e descontraído, como se a conversa se passasse à hora do café. As orientações são dadas, sendo que cada rodada dura em média de 15 a 30 minutos.

Em cada rodada, o facilitador faz uma pergunta norteadora; todos os grupos conversam sobre a mesma pergunta e registram nas folhas de papel ideias compartilhadas durante as conversas. Ao término de cada rodada, as pessoas são convidadas a encontrarem uma nova mesa e sentarem-se

com pessoas com quem ainda não conversaram. Uma das pessoas permanece na mesa como “anfitriã”, atualizando os participantes que chegaram de outras mesas sobre o que o grupo anterior conversou. O processo se repete até que todos se reúnam novamente em um círculo único e apresentem as “colheitas” (sínteses de temas e ideias das conversas de cada mesa, registrados nas folhas), construindo um sentido compartilhado sobre o tema proposto inicialmente.

#### 4. CAMPONÊS A CAMPONÊS

O “camponês a camponês” (CaC) é uma metodologia de troca de saberes e experiências surgida na Guatemala, há mais de quarenta anos, para o trabalho junto a agricultores. A base da metodologia é simples: um camponês/agricultor visita o outro para trocarem saberes e experiências, aprendendo um com o outro e se auxiliando mutuamente para resolverem problemas relativos à sua produção agrícola. A aprendizagem é horizontal, tendo como base o diálogo e a prática. Normalmente, técnicos ou educadores também participam como mediadores do processo, sendo, ao mesmo tempo, auxiliares e aprendizes.

O CaC teve início como uma reação ao modelo convencional de assistência técnica nas comunidades rurais, em que o técnico aparecia como o dono do conhecimento e as famílias agricultoras não tinham seu saber valorizado. Além disso, na maioria das vezes, a assistência técnica convencional desconsiderava agricultura tradicional e natural praticada pelas comunidades e procurava impor um modelo de agricultura baseado em insumos químicos diversos, agrotóxicos, sementes modificadas, produção em larga escala, dentre outros. Nesse sentido, o CaC estimula a produção agroecológica e o protagonismo da família camponesa na resolução de seus problemas, por meio da troca de experiências e saberes, junto à sua comunidade. Assim, busca-se a produção de um alimento saudável, socialmente justo e ambientalmente correto, sem a necessidade de utilização de produtos prejudiciais à saúde e sem gastar dinheiro comprando produtos e insumos agrícolas industriais.

No Brasil, essa metodologia tem sido utilizada como forma de apoiar a transição agroecológica, quando produtores que utilizam técnicas da agricultura convencional (como agrotóxicos, sementes modificadas, monoculturas etc.) querem passar a adotar um modelo agroecológico (utilizando defensivos naturais, sementes crioulas, diversificação da produção etc.). Em Cuba, utilizando a metodologia de CaC de uma forma bem organizada, a Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP), conseguiu, em quinze anos, que cerca da metade da população camponesa de todo o país se tornasse agroecológica e com melhores taxas de produtividade (ROSSET, 2019).

Ao longo do curso de extensão, desenvolveu-se apenas uma parte da metodologia do CaC, que foi o intercâmbio de experiências com um senhor, morador do distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, agricultor, produtor de vinhos artesanais e conhecedor das plantas medicinais, com quem todos os participantes do curso aprenderam muito.

Nesse sentido, os intercâmbios podem ser utilizados mesmo quando não se trabalha com todo o ciclo da metodologia do CaC. Apesar dessa metodologia ser mais utilizada em projetos e movimentos sociais, o intercâmbio pode ser trabalhado em atividades escolares — especialmente em atividades ligadas às ciências da natureza ou temas transversais —, valorizando os saberes locais. Dessa forma, a partir dessa metodologia, discutiu-se a importância da relação da escola com os saberes locais e o modo de vida da comunidade.

## 5. TEATRO DO OPRIMIDO

O teatro do oprimido consiste em um conjunto de técnicas, jogos e exercícios teatrais criados na década 1960 pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, com base na pedagogia do oprimido, conforme Paulo Freire (2011). Com princípios baseados na pedagogia de Freire, o teatro do oprimido foi amplamente desenvolvido em comunidades menos favorecidas ao redor do mundo, visando a democratização dos meios de produção teatral; o rompimento das barreiras entre atores ativos e plateia passiva, sendo todos, então, espectadores; e a transformação social, sendo a ação dramática um ato político, ético e estético, um ensaio para ação social (BOAL, 2007; 2009).

O curso promoveu uma oficina de teatro, em que os participantes puderam vivenciar três jogos teatrais, um exercício do teatro imagem e um outro exercício que mescla este com o teatro fórum. Todos foram adaptados do conjunto de jogos, exercícios e técnicas criados por Augusto Boal. Os jogos e exercícios podem ser aplicados em diferentes grupos, como ferramenta para a reflexão, para atividade corporal, para criação de ações sociais, para auto-observação e para transformação pessoal/social.

Além das metodologias descritas, o curso contou, no último dia, com apresentação de diversas experiências pedagógicas e projetos nos quais os participantes estão engajados, dentro ou fora das escolas. Cada um teve a oportunidade de fazer uma exposição oral, mostrar fotos, vídeos e materiais escritos de trabalhos que gostariam de compartilhar. Foi um momento rico de socialização e partilha.

Também, elaborou-se uma proposta de educação popular, a ser desenvolvida em parceria com as escolas locais, associações comunitárias, bem como o movimento ambiental em defesa das águas do Serro, com o objetivo de conscientizar a população sobre os possíveis impactos de um projeto de mineração que ambiciona se instalar no município.

Os cursistas foram convidados a elaborar um trabalho final, de forma criativa, com um relato sobre sua trajetória na educação e uma avaliação sobre o curso. Foram recebidos textos, poemas e registros de facilitação gráfica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os educadores e educadoras participaram ativamente e contribuíram de forma interdisciplinar com o curso, considerando suas formações em diversas áreas do saber. Houve saudável associação entre suas percepções/vivências, seja como professores do ensino básico das redes públicas municipal e estadual, educadores comunitários, pedagogos, geógrafos, artistas e artesões, escritores e ambientalistas. O envolvimento da comunidade deu-se desde o início do projeto, na medida em que foi esta quem buscou e divulgou o curso.

A participação de discentes da UFVJM, tanto de graduação como de pós-graduação, favoreceu a integração com o público e facilitou a aproximação da universidade entre os educadores e moradores locais. Com isso, percebeu-se o impacto social por meio do amadurecimento dos participantes, com potencialização das suas práticas educativas no dia a dia no ensino básico e, também, nas ações de educação ambiental. Ao longo das vivências metodológicas propostas, o curso de extensão estimulou as reflexões práticas sobre a educação ambiental, o mundo rural e a sustentabilidade. Foco especial foi dado aos cuidados com as águas da região, controle e prevenção de ações de degradação ambiental. Também foram discutidas ações de conscientização social quanto aos impactos de empreendimentos minerários na região.

Nos distritos rurais, como São Gonçalo do Rio das Pedras, há um esforço constante voltado à educação de crianças e jovens para uma vida coletiva mais saudável e integrada com a natureza.

Na região, são várias as comunidades tradicionais quilombolas, que são conscientes do direito a uma educação diferenciada, que respeite sua cultura e práticas diárias. A participação de membros destas comunidades no curso evidencia o interesse local, a aplicação dos ensinamentos compartilhados e a efetividade das ações propostas na ação de extensão universitária.

Foi criado um caderno de metodologias intitulado: “Educação popular e metodologias participativas - Compilado de metodologias, práticas e inspirações”. O material foi impresso na gráfica da UFVJM e disponibilizado aos participantes. Uma nova versão desse caderno está sendo elaborada com contribuições textuais dos próprios cursistas, professores e discentes da UFVJM, para uma publicação mais ampla. Alguns testemunhos dos participantes, que serão publicados nessa nova versão, foram parte do trabalho final que produziram e refletem suas impressões acerca do curso:

Este curso trouxe uma contribuição transformadora para minha formação como educadora. Nos momentos das rodas de conversas, ouvindo as experiências dos colegas diante dos desafios que encontramos nas trajetórias da vida, pude ver que a educação é algo que transforma e leva esperança (J, discente da UFVJM).

Ressalto também a experiência de conhecer um pouco mais sobre a metodologia de Paulo Freire, através do teatro do oprimido ministrado pela Luciana. Foi um momento muito reflexivo e proveitoso. Aos poucos, pretendo me tornar uma educadora no processo ensino-aprendizagem, que consiga utilizar metodologias alternativas. Metodologias essas, em que o professor não seja o “detentor” do conhecimento (K, liderança comunitária quilombola de Queimadas).

Este curso foi motivador para mim porque pude conviver com pessoas que lutam por uma educação popular na região e conhecer um pouco sobre as atividades educativas que desenvolvem na sua localidade. Além disso, algumas metodologias como o “círculo de cultura”, o “café com prosa” e o “teatro do oprimido” são muito viáveis de serem aplicados nas minhas aulas, e serão aplicadas. Quero chamar atenção para a oficina “camponês a camponês” com o Seu Adão. Foi muito válido e produtivo poder aprender um pouco com o Seu Adão e toda sua experiência de vida com a agricultura (IP, professora de ciências e biologia).

Cada experiência dentro do curso me trouxe uma reflexão profunda sobre mim mesma e minha função no planeta. Foi importante para me lembrar que eu tenho uma bagagem comigo cheia de vivências, ruins e boas, e que elas têm profundidade o suficiente para serem pontos de partida para trabalhos maravilhosos. Que eu tenho comigo muitos projetos, ideias e trabalhos parados que continuam sendo sementes vivas esperando para serem plantadas (LM, professora de artes).

Vivenciamos por meio deste expediente a prática de diálogos múltiplos: a começar pelo exercício da escuta das histórias dos sujeitos; a desdobrar-se em um canto utópico-autoral; em cantos e danças ancestrais e contemporâneos; no vir a ser do caminho-percepção de uma instalação; em pausas para compartilhar o pão; na exigência de movimento do intelecto e de sua casca material por meio das imagens do teatro do oprimido; nos sentidos apurados pela imersão de um quintal com frutos de um trabalho capaz da transmissão “de camponês à camponês”. Dentre tantas práticas, separamos um tempo para refletir sobre elas, mas nunca sozinhos. Tratou-se de um imaginar em coletivo sobre o tema do encontro ou outros problemas concretos da realidade que nos cerca - como a ameaça de implantação de uma mineradora no Serro [...]. As conversas no “café do mundo” mostraram que estamos atentos e conscientes a tudo o que está acontecendo. Que existe uma consciência ativa capaz de enfrentar o desmantelamento que nos assombra. E que, apesar de tudo, somos muito mais criativos do que os operadores arcaicos que têm monopolizado o poder ilegítimo sobre a atividade do educar [...] Muito da beleza do curso passou por este simples sugerir - aos sujeitos que pensam a emancipação de outros sujeitos - o exercício do possível (PA, professor de filosofia).



Portanto, além de aprenderem metodologias novas, os educadores tiveram um momento potente de encontro, de se sentarem em círculo, poderem se conhecer melhor, escutar as histórias, desejos, talentos, sonhos, frustrações, esperanças, projetos e experiências de cada um. Nesse reconhecimento, fortaleceram-se mutuamente no horizonte das transformações possíveis, da construção de uma educação mais significativa para educadores e educandos.

Tiveram a oportunidade de olhar para as especificidades de suas comunidades, suas riquezas culturais e ambientais, desafios e conflitos no exercício de pensar uma escola que também deve ser espaço vivo para a alfabetização política, à leitura crítica do mundo, ao debate de projetos que ameaçam o futuro de seus territórios de vida.

O grupo dos cursistas permanece unido por meio de um grupo em uma rede social digital — cujo tema é a educação popular —, trocando informações, materiais de estudos, compartilhando trabalhos e projetos que têm afinidade com a temática. Devido à pandemia de Covid-19 que acometeu todo o planeta, outras ações presenciais que haviam sido pensadas como desdobramento do curso foram restringidas, mas poderão ser retomadas logo que seja superada a atual crise sanitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto político no qual o legado de Paulo Freire tem sido injustamente ofendido, a experiência narrada aqui, e realizada no centenário de nascimento do patrono da educação brasileira, no ano de 2020, certamente é mais uma entre tantas que demonstra como a educação popular mostra-se viva, potente, capaz de aportar contribuições fundamentais ao contexto educacional brasileiro: uma educação alicerçada na realidade concreta de seus sujeitos diversos, no exercício da práxis, no pensamento crítico, na dialogicidade, na vocação humana em “ser mais”, na autonomia e na esperança. Essas dimensões revelaram-se de forma sensível nos depoimentos dos cursistas, como foi demonstrado anteriormente.

Por fim, vimos que os instrumentos/recursos didáticos da educação popular se mostraram efetivos e afetivos durante o curso, demonstrando a capacidade de produção de conhecimento da educação popular, um conhecimento próximo e reflexivo da realidade do viver o ato de educar e se educar.

## REFERÊNCIAS

BIAZOTI, André.; ALMEIDA, Natália; TAVARES, Patrícia (org.). **Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certificação quilombola**. 05/02/2021. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-mg-05022021.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de cultura. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 69-71.

BROWN, Juanita; ISAACS, David. **O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas**. São Paulo: Cultrix, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo**: indicadores sociais municipais. [Brasília]: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/serro/pesquisa/23/25124>. Acesso em: 18 jan. 2021.

ROSSET, Peter (org.). **Construindo a agroecologia no semiárido**: manual da metodologia camponês a camponês. [Fortaleza]: MST-CE, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/41536247/CONSTRUINDO\\_A\\_AGROECOLOGIA\\_NO\\_SEMI%81RIDO\\_MANUAL\\_DA\\_METODOLOGIA\\_CAMPON%8AS\\_A\\_CAMPON%8AS](https://www.academia.edu/41536247/CONSTRUINDO_A_AGROECOLOGIA_NO_SEMI%81RIDO_MANUAL_DA_METODOLOGIA_CAMPON%8AS_A_CAMPON%8AS). Acesso em: 19 jul. 2020.

**Data de recebimento:** 29/01/2021

**Data de aceite para publicação:** 26/03/2021